

SABERES DOCENTES, A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A ABORDAGEM LIBERTADORA DO CONTEÚDO

Autor (Lídia Rafaela de Freitas Costa); Orientador (Leonardo Rocha da Gama)

Departamento de Educação Física, Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
lidia_rafaela_costa@hotmail.com, gama.leonardo@yahoo.com.br

Resumo: Uma das formas do professor adquirir conhecimentos é durante o processo de execução de intervenções na sua área. Esse artigo destaca os conhecimentos que contribuem para o aperfeiçoamento da prática do professor na formação inicial, em particular, a do professor de Educação Física, a partir de um processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de um relato de experiência de um processo de ensino-aprendizagem, a partir de oficinas de dança, com escolares inseridos nos anos finais do Ensino Fundamental. Essas oficinas se realizaram na Escola Estadual 4 de Setembro, na cidade de Pau dos Ferros (RN). As oficinas ocorreram no contra turno escolar, no período de 01 de agosto a 14 de setembro do decorrente ano. O *Diário de bordo* constitui o nosso instrumento de registro das ações desenvolvidas ao longo desse processo. A partir desse *Corpus* de análise, pudemos perceber alguns fatores que influenciam a formação profissional e alguns saberes que são construídos na própria experiência docente, no cotidiano escolar. Os fatores que influenciam a formação profissional são apontados e discutidos no eixo: *Saberes docentes e o processo de ensino-aprendizagem da dança na escola*. E em *Reflexões pedagógica*, apontamos alguns saberes construídos na própria experiência docente, a saber: estímulo do exercício da criatividade e da autonomia nos alunos, a cooperação entre os escolares envolvidos nas atividades, promover a interação entre os alunos. A ação docente é fundamental na: construção de valores, mediação do conhecimento, motivação dos alunos, construção do conhecimento e consciência de pertencimento no mundo.

Palavras-chave: saberes docentes, formação de professores, escola, educação física

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo destaca os conhecimentos que contribuem para o aperfeiçoamento da prática do professor de Educação Física na formação inicial, frente um processo de ensino-aprendizagem, realizado na Escola Estadual 4 de Setembro, na cidade de Pau dos Ferros (RN), com escolares inseridos nos anos finais do Ensino Fundamental. Partimos da compreensão de que uma das formas do professor adquirir conhecimentos é durante o processo de execução de intervenções na sua área, em nosso caso, em Educação Física. Para Tardif (2008, p. 49), estes saberes “não se encontram sistematizados em teorias ou doutrinas [...] eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente”. Diante disso o docente conhece a realidade e busca resolver soluções para problemas que possam aparecer durante sua prática, incorporando também os conhecimentos despertados através da vivência da própria atuação. Nesse sentido, Tardif (2008), nos orienta para uma ampliação da compreensão da prática pedagógica e da formação inicial de professores.

Pelo exposto, lançamos a seguinte questão de estudo: considerando uma experiência de ensino-aprendizagem na escola, numa atividade informal da Educação Física, quais os

conhecimentos que são possíveis destacar que contribuem para a formação do professor de Educação Física? A partir dessa questões de estudo lançamos os nossos objetivos, a saber: identificar os saberes docentes que são construídos no processo de ensino-aprendizagem na escola a partir de uma prática informal da Educação Física; e como esses saberes podem contribuir para o avanço das discussões sobre a formação de professores de educação física para atuar nas escolas.

O processo de ensino-aprendizagem foi desenvolvido seguindo o modelo de oficinas. A dança foi o conteúdo escolhido. A dança é um conteúdo comum às áreas de Educação Física e Arte, considerando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹ que orientam as práticas dessas disciplinas no universo escolar. A escolha desse conteúdo se deu pela afinidade que tenho em relação a esse conhecimento, dado as minhas experiências de vida. Outra razão que optei por trabalhar com a dança na escola deve-se ao fato de que, parte dessas experiências de vida com a dança, ocorreu no decorrer do meu processo de formação profissional. Outro aspecto que justifica a escolha da dança nesse processo se deve ao fato de que, eu pude constatar o quanto esse conteúdo é negligenciado nas aulas de Educação Física, principalmente se considerarmos o universo das escolas públicas da cidade de Pau dos Ferros (RN) por qual passei, na condição de aluna.

As oficinas ocorreram no contra turno escolar, no período de 01 de agosto a 14 de setembro do decorrente ano. As oficinas foram realizadas em um espaço oferecido pela escola, sendo uma das salas de aula, escolhida por ser mais espaçosa e conter um menor número de cadeiras, assim facilitando o desenvolvimento das atividades. As oficinas foram estruturadas com atividades diretas e não diretas. A opção por atividades não diretas foi com o intuito de incentivar a criatividade dos alunos. Compreendemos que essa metodologia de ensino-aprendizagem permite aos alunos participarem da composição das atividades de forma que sejam também responsáveis no processo de construção de conhecimento.

O *Diário de bordo* constitui em nosso instrumento de registro das ações que foram desenvolvidas ao longo das oficinas de dança. Esse instrumento expressa o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido com os escolares, através de textos descritivos. Esses textos integram o *Corpus* de análise dessa pesquisa. A partir desse *Corpus* de análise, pudemos perceber alguns fatores que influenciam a formação profissional e alguns saberes que são construídos na própria

¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Uma forma de auxiliar e orientar os professores na busca de abordagens e metodologias a serem utilizadas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), compõe os conteúdos da Educação Física: esportes, jogos, lutas, ginásticas e atividades rítmicas expressivas e também temas transversais que são de extrema importância para o desenvolvimento geral dos alunos. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.25), “A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança”.

experiência docente, no cotidiano da sala de aula. São os frutos dessa percepção que iremos apresentar na sequência desse relato de experiência.

2. SABERES DOCENTES E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA DANÇA NA ESCOLA

Considerando a escola como espaço de desenvolvimento humano e as diferentes áreas do conhecimento como caminhos para a apropriação da cultura, destacamos a importância dessas áreas para uma cultura de criatividade. Nesse sentido, concordamos com Bregolato (2000 p. 31), ao afirmar que: é importante que a Educação Física, assim como as demais áreas do conhecimento, utilize a criatividade no processo ensino/aprendizagem.

Uma das nossas apostas nesse ensaio, parte da perspectiva de que o trabalho com a dança expressa um aspecto transformador e criativo, “Porém, muitos alunos – e professores – estão automatizados a apenas reproduzirem modelos prontos de movimentos corporais, o que dificulta o ‘exercício’ da criatividade nas aulas” (BREGOLATO, 2000 p. 31). Como expressão de resistência às concepções tradicionais de educação na Educação Física escolar, nossa direção segue o caminho libertador do sujeito como propõe Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2011). Concordamos que a autonomia é uma condição do “Ser”. Entendemos que ser autônomo, no sentido lato, é perceber-se como sujeito ativo, na construção dos conhecimentos e das possibilidades de relações com o mundo.

Afirma Marques, em sua obra *Dançando na Escola*, que:

Propostas com dança que trabalhem seus aspectos criativos e transformadores, portanto imprevisíveis e indeterminados, ainda ‘assustam’ aqueles que aprenderam e são regidos pela didática tradicional. Os processos de criação em dança acabam não se encaixando nos modelos tradicionais de educação (MARQUES, 2010, p. 18).

Dessa forma concordamos com Marques (2010), que os professores se apegam a aquilo que pode ser mais cômodo para eles, se o mesmo não tem conhecimentos ou vivências com um determinado conteúdo é mais confortável deixar esse conhecimento esquecido. Já em relação ao aluno, quando ele é habituado a receber apenas as informações preteridas pelo professor, ele passa a ser limitado em relação aos outros conhecimentos que cerca a cultura, a vida social. Ao contrário, quando o aluno é incentivado a conhecer e a criar, passa a construir uma reserva de conhecimentos que o leva a autonomia intelectual e as possibilidades que essa autonomia pode alcançar em relação aos aspectos do trabalho, do lazer, da saúde, enfim, da dignidade humana.

O meu primeiro encontro se deu mais como forma de reconhecimento do espaço e do público, no qual eu viria a trabalhar. Para os escolares, foi o primeiro contato comigo. Esse momento serviu também para eu observar e anotar as informações sobre os conhecimentos dos alunos acerca do conteúdo a ser trabalhado, dessa forma, compreender de qual ponto poderia partir.

Dei início a aula me apresentando e explicando como iria acontecer as oficinas. Sentados em círculo perguntei o que eles entendiam por dança, as respostas que obtive foram que dança era “rebolar” ou “executar uma coreografia” (DIÁRIO DE BORDO DA AULA 01/08/2016)

Frente ao posicionamento dos alunos, despertou em mim certa curiosidade sobre o contato que os alunos tinham com a dança dentro do ambiente escolar.

Com base nas respostas indaguei se durante as aulas de Educação Física, em outra disciplina ou outro momento na escola, eles tinham o contato com a dança. Eles responderam que, o contato com a dança dentro da escola era em datas comemorativas, em que os alunos formavam grupos, criavam coreografias e apresentavam o resultado de seus trabalhos nesses eventos (DIÁRIO DE BORDO DA AULA 01/08/2016).

A partir dessa anotação pude observar que a dança não é um conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física. Dentre as inúmeras possibilidades, seria possível destacar: 1. A ausência dos conteúdos de dança nas aulas de Educação Física estaria associada a insuficiência de saberes teórico-metodológicos por parte dos professores de carreira; 2. Ausência de referenciais pessoais dos professores de Educação Física dessa escola em relação a dança; 3. Falta de interesse do alunado em relação ao conteúdo específico.

Normalmente, considerando a vida do indivíduo, a maior parte do seu tempo é dedicado a escola. O indivíduo carrega consigo várias lembranças e saberes que foram experimentados nesse tempo de escola. Essas lembranças e saberes internalizados, podem contribuir para o indivíduo na condição de professor na fase de formação inicial na lida com a docência. Vejamos o exemplo a seguir, ao destacar o meu primeiro encontro com a turma:

Alguns dos alunos de início estavam levando os exercícios e a oficina na brincadeira. Por não ser a professora efetiva, de início não sabia como agir, não queria chegar já tendo que chamar atenção dos alunos, nessa oportunidade não reclamei, apenas olhei como quem não estava gostando daquilo. Como experiência do meu tempo escolar percebi que alguns professores utilizavam desse método, e assim o fiz. Pareceu que eles entenderam pois passaram a desenvolver melhor o alongamento (DIÁRIO DE BORDO DA AULA 01/08/2016).

Para Tardif (2010), os professores na formação inicial, por suas experiências de vida, já trazem um conhecimento sobre os alunos, o funcionamento da escola, a sala de aula. Por mais que seja superficial há um conjunto de conhecimentos acerca do saber fazer. Antes de enfrentar as salas

de aula o professor faz seus planejamentos idealizando como serão os seus alunos. Porém, sabendo que ao chegar na sala de aula podem ser surpreendidos com uma realidade totalmente diferente da idealizada. Nesse sentido, compreendemos que o professor na formação inicial deve estar atento às suas experiências de vida como referência para lidar, sobretudo com os imprevistos de sala de aula que os livros não contam.

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons (PIMENTA, 1996, p. 76).

Por outro lado, os alunos aspirantes a professores, ainda na formação inicial, em algumas de suas intervenções acabam se espelhando e reproduzindo metodologias usadas por professores que foram responsáveis por sua formação, seja eles da universidade ou pela trajetória da educação básica. Nesse sentido, o cuidado em não reproduzir métodos ou abordagens de ensino-aprendizagens tradicionalmente bancárias, faz-se necessário, como nos alerta Paulo Freire (2011).

Tardif (2010, p. 65), compara os saberes dos professores a diferentes ferramentas de um artesão.

Se os saberes dos professores possuem uma certa coerência, não se trata de uma coerência teórica nem conceitual, mas pragmática e biográfica: assim como as diferentes ferramentas de um artesão, eles fazem parte da mesma caixa de ferramentas, pois o artesão que os adotou ou adaptou pode precisar deles em seu trabalho. A associação existente entre todas as ferramentas e a relação do artesão com todas as suas ferramentas não é teórica ou conceitual, mas pragmática: elas estão todas lá porque podem servir para alguma coisa ou ser solicitadas no processo de trabalho.

A mesma coisa ocorre na fundamentação dos saberes do aspirante a professor, ainda na formação inicial. Todos os seus saberes devem estar presentes como as diferentes ferramentas na caixa do artesão, pois o professor em formação, como também um professor já graduado, podem se deparar com situações inesperadas que requer de saberes para serem solucionadas. Podemos destacar algumas situações inesperadas, em que eu, aspirante à professora, na fase inicial de formação, utilizo saberes das minhas experiências de vida para solucionar o problema.

Durante o desenvolver da atividade percebi que quando os comandos eram para formarem duplas eles sempre procuravam o mesmo colega e de sexos semelhantes. [...] por isso, então coloquei a regra que não poderia repetir o parceiro. A cada comando teria que ser trocado de parceiro e assim formado uma nova dupla. Diante disso percebi que eles tinham receio de pegar na mão do colega ou em outro ponto de contato corporal (Diário de Bordo aula 01/08/2016).

Percebi que nas tarefas em duplas, os alunos sempre procuravam o mesmo componente formando sempre as mesmas equipes e busquei na memória uma estratégia que vivi na universidade, quando cursei a disciplina Metodologia da Dança. Já no primeiro encontro, pude perceber a dificuldade dos alunos de desenvolverem o trabalho em grupo: “ninguém queria escutar a opinião do outro e sim fazer do seu jeito” (Diário de Bordo, aula de 01/08/2016). A falta de respeito ao outro ficou evidente assim como falta de liderança para a organização da atividade proposta.

Para Diniz (2015, p.45), a Democracia é uma ação “...que expressa ou não o desejo da maioria considerando a vontade do coletivo”. Essa relação se dá apenas quando há respeito entre os envolvidos, permitindo que todos se envolvam e se reconheçam como criadores e formadores do conhecimento. Portanto, se não há respeito a expressão do outro e se prevalece o desejo egoísta de impor a própria vontade sobre os outros, não há democracia, como não há trabalho coletivo, cooperação e solidariedade.

(...) a tarefa de criar uma democracia começa no espaço de emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação nem abuso sistemático (MATURANA, 1998, p. 76).

Vendo que os alunos se espelham no professor, positiva ou negativamente, o professor acaba se tornando peça fundamental na mediação dessas relações. Portanto, “motivar os alunos é uma atividade emocional e social que exige mediações complexas de interação humana: a sedução, a persuasão, a autoridade, a retórica, as recompensas, as punições etc.” (TARDIF, 2000, p. 17). Nesse sentido, a necessidade do professor na mediação das relações entre aluno e aluno é imprescindível.

A educação escolar, por sua vez, está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos. Sua finalidade é contribuir para o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar deles com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora (PIMENTA, 2011. p. 168).

No sentido de contribuir para o processo de humanização dos meus alunos, eu busquei trabalhar para que eles interagissem e participassem das atividades de forma mais democrática, em que pudessem se perceber como partes importantes do trabalho pedagógico – na expressão do processo de ensino-aprendizagem da dança – assim como, do meio em que vivem. Percebi que ao contribuir para o processo de humanização dos meus alunos, contribui para o meu crescimento também, na compreensão do sentido mais ampliado de trabalho coletivo e inserção social no rumo da transformação das relações entre os sujeitos e na forma como esses sujeitos se transformaram na relação comigo.

3. REFLEXÕES PEDAGÓGICAS

A intenção do professor não está apenas voltada na realização da atividade pedagógica em si, mas no incentivo das ações dos alunos em relação a ser e conviver no lugar em que estão situados. Assim, “É importante que o espaço da aula seja um espaço de socialização e interação entre os sujeitos nele envolvidos” (Diário de Bordo aula 01/08/2016). Nesse sentido, a escola não tem o papel apenas de transmitir conhecimentos, seus agentes devem trabalhar numa perspectiva humanizadora. Entendemos que um projeto de escola articulada a ação de humanizar, passa pelo incentivo ininterrupto do trabalho coletivo de seus agentes, o que inclui alunos, professores, gestores, coordenação pedagógica e demais funcionários, numa perspectiva de construção social de seus sujeitos. Participação crítica, sugestão transformadora, valores éticos, a democracia como componente político das ações e a criatividade se articulam em um projeto de escola e de trabalho pedagógico com o objetivo de humanizar as futuras gerações e de construir uma sociedade mais fraterna e justa nas condições de acesso a uma vida digna.

Outro fato que importante de destacar ao relatar as oficinas é a ausência da autonomia dos alunos. Sabemos que é uma prática pouco comum nas escolas mais tradicionais que, os professores não procuram desenvolver o aspecto crítico do alunado. Os professores ao optarem por uma abordagem de ensino-aprendizagem em que o conteúdo é dado de forma mecânica, na transmissão do conteúdo por repetição, impede o aluno de expandir, restringindo assim seu universo e sua relação com o mundo em sua volta. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2011), nomeia esse tipo de educação como “Educação Bancária”. Essa forma de educação é amplamente criticada na educação contemporânea por expor o sujeito a uma formação em que esse sujeito é apenas uma peça de engrenagem da máquina de dominação social.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los (FREIRE, 2011, p. 80).

Nessa ótica de educação não há criatividade, pois os alunos só tendem a repetir o que lhes são transmitidos, não desenvolvendo a capacidade de criar e assim, de transformar a sua realidade e a dos outros. Podemos destacar isso na aula do dia 03/08/2016 quando pedi que realizassem a seguinte tarefa:

[..] pedi para manter as duplas. Com isso eles teriam que criar um fragmento coreográfico, dois blocos de oito, utilizando movimentos básicos trabalhados nas aulas anteriores. Deveriam está inseridos também nesse fragmento, os três níveis espaciais: baixo, médio e alto (DIÁRIO DE BORDO DA AULA 03/08/2016).

Na execução dessa tarefa foi nítida a dificuldade em que os escolares apresentaram para expressar sua criatividade. Não foram todos os alunos que demonstraram essa dificuldade, mas, a grande maioria dos escolares envolvidos.

[..] uns responderam que por mais que tivessem sentido dificuldade, gostaram e acharam divertido a tarefa. Já outros não gostaram, achavam mais cômodo a professora passar uma coreografia pronta, pois já eram habituados a essa rotina (DIÁRIO DE BORDO DA AULA DE 03/08/2016).

Paulo Freire (2011, p. 83) afirma que:

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica que lhe resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como Sujeitos. Quanto mais lhe imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.

Podemos perceber que a limitação dos alunos para realizar tarefas que exigissem o uso da criatividade estava relacionada ao método utilizado por seus professores (anteriores ou atuais de outras disciplinas). Esses métodos fazem com que os alunos se acomodem apenas aos conhecimentos que lhe são dados, não desenvolvem a criatividade e a autonomia na busca do conhecimento, do fazer, do ser mais e da transformação social. Esse tipo de abordagem não permite mudanças.

Para Maturana (2000, p. 11), “a formação humana tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável”. Com isso a tarefa da educação é proporcionar a criança condições de respeitar a si próprio e respeitar o outro.

A tarefa da formação humana é o fundamento de todo o processo educativo, já que só se esta se completar é que a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre capaz de refletir sobre sua atividade e seu refletir, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir um comportamento ético, porque não desaparece em suas relações com os outros, e capaz de não ser arrastado para as drogas e o crime, porque não dependerá da opinião dos outros não buscando a sua identidade nas coisas fora de si (MATURANA, 2000, p. 11-12).

Nesse sentido, compreendemos que o processo educativo deve dar subsídios a criança para que ela seja capaz de fazer suas escolhas e refletir sobre suas ações, tendo consciência de si e construindo sua identidade com o outro.

Diante do que foi exposto entendemos que, toda prática de ensino-aprendizagem deve considerar todos os aspectos relacionados à realização dessa ação. Aspectos esses que podem contribuir como forma de crescimento para o futuro profissional. Podemos destacar alguns saberes docentes diante a ação pedagógica da aluna aspirante a professora, ainda na formação inicial em discussão, na realização do processo de ensino-aprendizagem realizados na escola de forma informal, como: estimular o exercício da criatividade e a autonomia nos alunos, a cooperação entre os escolares envolvidos nas atividades, promover a interação entre todos os alunos sem discriminação de gênero. Dessa forma podemos ver a importância do papel do professor sua ação é fundamental para uma boa convivência entre os envolvidos nesse processo e na construção de valores, sendo o professor peça importante na mediação do conhecimento, fazendo com que os alunos participem de forma ativa na construção do conhecimento e de sua existência.

4. REFERÊNCIAS

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte - Ensino de quinta a oitava séries**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/CEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física – 3º e 4º Ciclos** – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. ISBN 978-857783-136-4.

DINIZ, F. I. C. **Práticas corporais e a construção de valores: Saberes políticos e éticos construídos na convivência, contribuições para a Educação Física Escolar**. 2015. 113f. Monografia. (Graduação em Educação Física) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Faculdade de Educação Física. Pau dos Ferros, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Editora: PAZ E TERRA, 2011.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 5. Ed. São Paulo. Cortez, 2010.

MATURANA, Humberto, **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Belo horizonte, MG, UGMG, 1998^a.

_____; REZEPKA, S, **N Formação humana e capacitação** – Petrópolis, RJ: Vozes 2000.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação – USP**, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.



_____. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 17. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 161-178.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, v. 1, n. 13, p. 5-24, 2000.

_____, M. **Saberes docentes e formação de professores**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____; **Saberes docentes e formação profissional**. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.